

## OPINIÃO

### GEORG FRIEDRICH LIST: Um irrequieto pensador

Fernão Pompêo de CAMARGO NETO<sup>1</sup>

Georg Friedrich List, em sua obra *Sistema Nacional de Economia Política*, publicada em 1841, critica as posturas adotadas pelo pensamento liberal, especialmente no que atine aos seguintes aspectos: 1) o cosmopolitismo exacerbado, que se nega a reconhecer o princípio da nacionalidade e bloqueia quaisquer iniciativas que privilegiem exigências e interesses nacionais; 2) a sistemática rejeição do caráter eminentemente social de que se revestem os atos inerentes à vida econômica dos homens; e 3) a negação da relevância do papel do Estado na realização do “desenvolvimento econômico da nação” e na correção das distorções sociais acarretadas pelo funcionamento de um mercado supostamente auto-regulável.

List, cuja obra apresenta hoje uma notável atualidade, remando contra a corrente de pensamento econômico vigente<sup>1</sup>, profundamente eivada de dogmatismo, faz acerbos críticas - o que, então, poderia ser encarado como uma abominável heresia - à doutrina liberal, à qual contrapõe, com grande descortino, notável clareza e muita propriedade, uma série

de conceitos, análises e projetos, muitos dos quais somente muitas décadas mais tarde tiveram seu valor reconhecido.

O autor em questão fez da nação - para ele o *locus* da politização da Economia - o fulcro de suas análises teóricas, considerando a posse de uma base territorial extensa, a disponibilidade de reservas abundantes de recursos naturais e a existência de uma numerosa população como requisitos essenciais para que a nacionalidade pudesse, com maior plenitude, se expressar. Enfatiza ele, por outro lado, o quão importante é, para uma nação, dispor de um amplo mercado interno próprio (o que, pelo menos potencialmente, seria decorrente de uma expressiva população) - com as vantagens de economias de escala a ele inerentes - ou de uma ampla base colonial (daí a razão, mais tarde, do advento da fase imperialista que viveu o capitalismo), para atingir o seu pleno desenvolvimento industrial e comercial.

Critica ele os principais expoentes da hoje chamada escola clássica por não reconhecerem “nenhuma distinção entre as nações que atingiram um estágio superior de desenvolvimento econômico e as que ainda

<sup>(1)</sup> Professor Titular da FACECA/PUC-Campinas, doutorando em Economia do IE/UNICAMP e Conselheiro do CORECON-SP.

<sup>(2)</sup> Vivia-se, então, o pleno apogeu das idéias formuladas pelos primeiros teóricos do modo de produção capitalista - ainda não conspurcadas pela emergência de novas situações que conduziram a uma mudança nos padrões que o tipificavam, as quais, em seguida, com o incremento da produtividade do trabalho decorrente do progresso técnico, bem como com o crescimento das escalas produtivas, que se tornou possível a partir do aumento da composição orgânica do capital e do avanço do processo de concentração e de centralização dos capitais, que a partir de então se acentuaram, passaram por sensível evolução.

estão em estágio inferior de evolução”, e, também, o fato de que “existe uma diferença infinita nas condições e circunstâncias que caracterizam as diversas nações”, o que evidencia que “não pode a ciência, para favorecer os objetivos cosmopolíticos, negar a natureza das circunstâncias nacionais específicas de cada país, nem ignorar ou dar uma falsa imagem dessas circunstâncias”.

Em sua obra, revela List um surpreendente pioneirismo e uma profunda compreensão do dinamismo histórico, bem como do papel destacado que tem e deve ter o Estado, através da implementação de políticas - especialmente as de cunho protecionista e as de estímulo à educação, às artes, à cultura, às ciências e, ainda, as voltadas ao reforço da base infraestrutural (onde ele destaca a importância dos meios de transporte) -, na moldagem do futuro das nações, realizando as condições para o seu desenvolvimento econômico, que não se processaria, de forma alguma, sem que elas se industrializassem.

Mas, para ele, o papel do Estado na construção da grandeza da nação não se completa com a industrialização, uma vez que os estudos que fez deixam patente que “as estatísticas e a história demonstram (...) que a necessidade de intervenção do poder legislativo e da Administração é tanto mais óbvia quanto mais desenvolvida [e próspera] for a economia do país”.

Ressaltam, ainda, o caráter pioneiro da obra de List a classificação que ele apresenta,

“a la Rostow”, dos estágios do desenvolvimento econômico nacional, e a interpretação da divisão internacional do trabalho por ele formulada (que, num discurso que só mais tarde viria a ser feito pelos críticos do imperialismo econômico, ainda que mantendo profundos ranços mercantilistas, antecipa, em sua obra, os termos em que foi desenvolvida a “teoria das relações Centro-Periferia” da CEPAL), baseada na idéia da existência - determinada por critérios geográficos - de dois grupos bem caracterizados de países cujos interesses econômicos seriam complementares: *ospaíses da zona temperada*, que, por serem “particularmente adequados, por natureza, para a manufatura”, teriam condições de suprir, em troca de artigos coloniais (especialmente produtos primários tropicais), os bens manufaturados demandados pelos *países da zona tórrida*.

Dessa concepção da divisão internacional do trabalho, deriva List a idéia de poder ser muito mais propício ao bem-estar da humanidade - em oposição à situação de monopólio que veio a ser estabelecida, pela crença nas vantagens que poderiam decorrer da existência da livre concorrência, em favor dos produtos manufaturados ingleses nos mercados da Europa e da América - o sistema protecionista, desmontando-se, assim, a falaciosa idéia, disseminada pelos teóricos liberais, de que, em razão das vantagens comparativas que poderiam disto resultar, devia-se privilegiar “a capacidade manufatureira de toda a zona temperada, em benefício da agricultura de toda a zona tórrida”.